

iracema

instituto de arte contemporânea

31 de agosto

1970 às 21 horas

**petite
galerie**

Praça gal. osorio, 53

Rio de Janeiro

INDIVIDUAIS

- 1965 Aliança Francesa — São Paulo
Galerie Herbinet — Paris — França
- 1966 Galeria Vernon — Rio de Janeiro — Brasil
- 1967 Galeria Il Carpine — Roma — Itália
Galeria Antoinette — Paris — França
- 1968 Galeria Cosme Velho — São Paulo — Brasil
- 1969 Galeria Camille Renault — Paris — França
“Le Bateau de Pierre — Broue — França
“Chateau Mavalex” — Perigord — França

COLETIVAS

- 1954 IV Salão Baiano — Salvador — Bahia — Brasil
- 1966 “Les Peintres Naifs” — Galeria Argos — Nantes —
França
“Septième Salon de Peinture” — Poissy — França
“Brésil Imprévu — Maison Jansen — Paris — França
III Salão Nacional — Brasília — Brasil
1.^a Trienal de Pintura “Naive” — Bratislava
- 1967 1.^a Bienal dos Mestres Contemporâneos — Bernheim
Jeune — Paris — França
Salon d'Automne — Paris — França
Exposição Internacional — “La Vigne et le Vin” —
Bordeaux — França
“La Naiveté dans l'Art” — Hotel Carlton — Cannes
— França
Inauguração Museu Henri Rousseau — Laval —
França
Floralies Internationales — Orleans — França
- 1968 “Il Mondo dei Naifs” — Palazzo Durini — Milão
— Itália
“Il Mondo dei Naifs” — Ferrara — Itália
“Il Mondo dei Naifs” — Spoleto — Itália
“Dieci Pittori Naifs” — Porto Cervo — Costa Es-
meralda — Itália
“Les Naifs” — Galeria Argos — Nantes — França
- 1969 “O Amarelo na Pintura” — Galeria Cosme Velho
— São Paulo — Brasil
Panorama da Arte Atual Brasileira — Museu de
Arte Moderna — São Paulo
“Il Mondo dei Naifs” — Palazzo dei Principi —
Corrégio — Itália
“Visions Naives Poétiques” — Toulouse — França
“Salon d'Automne” — Paris — França
“Una Maga e Doze Naifs” — Galeria Feluca —
Roma — Itália
“Primitivos Brasileiros e Estrangeiros — Pinacote-
ca do Estado de São Paulo — Brasil
- 1970 Semana Brasileira — Lyon — França
“Peintres Naifs” — Montreuil — França

Iracema

Ninguém conseguirá roubar a Iracema seus azuis, seus verdes, seus alaranjados, seus vermelhos, inroubáveis (sic); ninguém poderá vender seus lagos portáteis, suas borboletas-jardins, seus jardins-borboletas, seus pássaros sem transistor, invendáveis: porque pertencem a todos. Ela (Iracema) salta de flor em flor, de planta em planta, de pássaro em pássaro, de lago em lago minúsculo. Feérica sem retórica, é simplezinha, como diria corrigindo a voz rouca e o monóculo, Jaime Ovalle. Não é "naive": conhece a técnica de segurar o azul, o vermelho, o verde, a água imóvel, o pássaro; segura-os com seus instrumentos que não lhe apraz revelar, sabida que ela é; mas, repito, simplezinha.

Eis um pequeno quadro de Iracema, Está pregado na parede do meu estúdio em Roma, cidade provisoriamente eterna, onde mora um homem de batina branca, que antes não saía de casa nem a muque e agora,

felizmente, deu-lhe a louca e sai a todo instante, com pretexto ou sem.

É um quadro onde às vezes me recolho, fugindo a uma possível bomba atômica que de resto ameaça cair mas não cai, o diabo é que poderá mesmo cair e eu sou mesmo anti-bomba até à medula. Sou de Juiz de Fora, da flauta mágica e da paz. É verdade que a paz nos últimos tempos tornou-se uma palavra altamente explosiva. O bêbedo Noé talvez hoje não se arriscasse a soltar aquela pomba (ou bomba?) que guardava bem guardadinha nos fundos do seu baú flutuante.

Eu sei o que é pintura mas não conto a ninguém, a não ser, talvez, no dia do julgamento universal (não o miguelangelesco: pois El Greco dizia que Miguel Angelo era um bom sujeito mas não sabia pintar). Excepcionalmente poderia contar o que é a pintura de Iracema; vou matutar o caso. Fica para outra vêz,

Nos quadros de Iracema não

se trabalha. Todos os trabalhos já foram feitos há muito tempo; as árvores, as borboletas, os pássaros já estão prontos desde sempre; o Padre eterno não tendo mais o que fazer, boceja o dia inteiro, e acaba decretando domingo total, desde 1.º de janeiro até 31 de dezembro, com o salário máximo e nivelado para todos, do Grande Chefe até o último barnabé.

Notemos também aqui a ausência da figura humana, que tanto prazer mas tanta perturbação nos causa; a ausência do tráfego irracional das grandes cidades, que deixava insone por exemplo o pintor Victor Brauner. Segundo êle me confiou em Paris, o automóvel é um trilhão de vêzes mais daninho que a antiga serpente.

Nada disto nos quadros de Iracema. Antes a paz dum espírito poético, a paz das côres inocentes e dos lagos portáteis. Neste cenário particular só mesmo as borboletas parecem agitadas. Cuidado com elas, Iracema.